

Formação Extracurricular

Conteúdo que deve ser adaptado a cada realidade regional

A Escola do Sítio oferece no período vespertino de maneira a compor, junto ao período da manhã, o período integral. As atividades apresentadas são planejadas e selecionadas levando-se em conta a proposta pedagógica da escola e seu compromisso com a nossa cultura e o fortalecimento do desempenho acadêmico de nossos alunos e alunas. Para tanto, além da recreação, trabalhamos o apoio acadêmico no desenvolvimento de conceitos e conteúdos e em atividades voltadas para melhorar o rendimento escolar de nossos estudantes.

Nossa proposta é de privilegiar questões ou situações reais e concretas, que sejam contextualizadas e que interessem, de fato, aos alunos. Tal proposta é possível por intermédio de uma metodologia que propicia ao(a) aluno(a) compreender a situação-problema do cotidiano e o(a) envolva intensamente numa atividade educativa que o(a) transforme em agente ativo e corresponsável pelo seu aprendizado. O conjunto de atividades propostas tem como objetivo apoiar o desenvolvimento do currículo, os tempos e os espaços escolares.

A organização

Diante da proposta, a Escola do Sítio continuará oferecendo no ano letivo de 2022, no período vespertino (tarde), um conjunto de estudos e atividades que compõem uma formação complementar à que ocorre no período da manhã.

Duas linhas de atuação constituem o que denominados de “Formação Complementar”:

- a) Recreação (professoras das turmas)**
- b) Linguagens (profissionais diversos)**

a) Recreação

A Recreação na Escola do Sítio pode ser definida como um dos caminhos no processo de ensino aprendizagem, com potencialidades para desenvolver a ética, a inclusão escolar e social. Ela se caracteriza por ser muito alegre e divertida. Numa sequência lógica, parte da temática central desenvolvendo-se em subtemas ações e atividades educativas.

As vivências são trabalhadas na Sala de Aula, nos Ambientes de recreação naturais (horta, lago, playground, etc.) e informatizados, de forma dinâmica, propondo uma aprendizagem significativa, contextualizada e sistematizada. Além de atividades lúdicas, da culinária, do teatro, da música, das artes plásticas, do esporte, da ioga etc., instigam a importância da leitura, da escrita, das informações, das habilidades, das competências e dos conceitos desenvolvidos no período da manhã.

A Escola do Sítio, por ser inclusiva, trabalha com perspectiva e não com expectativa. A perspectiva permite vislumbrar um futuro com esperança, correr atrás dos sonhos,

trabalhando a solidariedade e a compaixão com sucesso. Enquanto a expectativa se fundamenta apenas no que já está assegurado devido à abordagem trabalhada.

Nossa metodologia instiga processos internos de desenvolvimento mental. Pretendemos desenvolver a afetividade e a cognição numa perspectiva ética estética inclusiva. Pretendemos estimular a percepção visual, tátil, olfativa ou auditiva. Motivar o interior pela emoção, instigando o prazer de aprender a ser e conviver, desenvolvendo sentimentos e internalizando valores. Criar oportunidades para que alunos e alunas possam produzir, reproduzir, sonhar e criar.

Além das atividades do cotidiano, a escola contará com as linguagens que irão enriquecer ainda mais as atividades da recreação.

b) Linguagens

As linguagens, na Escola do Sítio, atuam como apoio ao currículo trabalhado no período da manhã. Procuramos, com essa formação, contextualizar ainda mais o currículo e dar significados ao que se aprende por intermédio de atividades que contribuam para a formação de competências gerais e específicas dos nossos alunos.

As linguagens também possuem um projeto pedagógico, não se limitando em desenvolver atividades desconexas, fragmentadas e sem relação concreta com o currículo.

Os(As) professores(as) da manhã e da tarde planejam a Formação Complementar por meio de atividades que complementem o currículo, seja por contextualização ou por temas diretamente ligados a alguma(s) disciplina(s).

Desta maneira, o ensino na Escola do Sítio é realmente integral, pois dá significado e significância ao que se aprende ao estabelecer uma relação entre os conteúdos da manhã com as atividades do período da tarde. Os(As) alunos(as), assim como no período da manhã, podem atuar como agentes criadores e transformadores e direcionar as atividades por meio de suas questões e inquietações, para que as mesmas despertem o interesse pelo aprendizado e os induzam para construção de novos conhecimentos.

Para que seja possível esta complementaridade entre o currículo formal e a formação complementar, as atividades são organizadas por competências ligadas ao saber, ao saber fazer e ao saber ser, envolvendo assim o conhecimento, as habilidades e as atitudes. Ao mobilizar esse conjunto de competências o(a) aluno(a) passa a construir seu aprendizado.

Os(As) professores(as) do período da manhã podem sugerir temas, pesquisas que contextualizem o que se trabalhou em suas aulas, para serem trabalhados nas atividades do Estudo Complementar. Evidentemente que essas atividades devem ser um enriquecimento ao conteúdo, pois a aquisição do aprendizado deverá ocorrer nas situações cotidianas do currículo trabalhado no período da manhã. Assim o estudo complementar atua como um agregado ao currículo e ele não será o único meio em que se aprendem determinados conteúdos, mas sim um apoio.

Exemplos de Linguagens: Breakiddin (breaking), Capoeira, Circo, Culinária, Dança, Desenho, Esporte, Handball, Fotografia, Jornalismo, Judô, Pé de Planta (horta, jardinagem,

compostagem, reaproveitamento de lixo, sustentabilidade), Percussão, Sítio-teca (Biblioteca livre), Teatro, Yoga entre outras possibilidades.

ARTE CIRCENSE NA ESCOLA

É uma Arte-Educadora nascida e criada no Circo Bom-Bril, circo de lona que manteve atividades em diversos Estados Brasileiros.

Compreendemos o Circo como um fenômeno social de grande impacto. Em alguns momentos da história da humanidade o circo era a maior se não a única expressão artística cultural, chegando a ser o principal veículo de manipulação de massa em algumas civilizações. Sua linguagem artística, ancorada em princípios de virtuosidade humana, em termos físicos e motores resguardam, até os dias de hoje, um rico ambiente de estudos das manifestações corpóreas. Tem como objetivo desenvolver atividades corporais lúdicas e criativas, provenientes do universo circense, com enfoque no aprimoramento das capacidades motoras, considerando as fases do desenvolvimento humano. As metodologias usadas serão pautas em diversos instrumentos como: Corpo: conceitos anatômicos, Fisiológicos e Cinesiológicos através de jogos e dinâmicas; Corpo em movimento: acrobacias de solo (Cambalhota, Estrela e Pirueta); Corpo em movimento dentro de um tempo: Corda e jogos de atenção; Corpo com objetos: Malabares (confecção de malabares com materiais reciclado); Corpo com outro corpo: Pirâmides humanas Equilíbrio: Corda bamba, perna de pau, monociclo; Corpo nos Aparelhos: Tecido, trapézio e Lira; Corpo em Cena: Palhaço; Criação de um mine espetáculo Circense a ser apresentado na escola.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Maternais I, II, III, Jardins I e II) e do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

ARTE HUMANÍSTICA

A oficina visa despertar a sensibilidade do aluno para o altruísmo e a felicidade enquanto um ser criativo. Dessa forma, explorar as técnicas do ofício, o compartilhamento de materiais e os trabalhos em grupo tornam-se ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Baseado nas aspirações do educador japonês Tsunesaburo Makiguti, as oficinas têm por finalidade o aluno feliz, capaz de sentir, respeitar e criar. Atividades como origami, pintura, escultura e conteúdo pertinente da grade anual, são alguns dos meios das práticas desses preceitos universais.

Para alunos(as) do Fundamental II (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

ATIVIDADE ESPORTIVA

O projeto de esportes da Formação Complementar visa proporcionar aos alunos a vivência e aprendizado de diferentes modalidades esportivas por meio de atividades (lúdicas ou não). Essas atividades proporcionarão o aprendizado dos movimentos básicos de cada modalidade, e, paralelamente, promoverão o desenvolvimento psicomotor (lateralidade, reflexo, coordenação, noção temporal, espacial e etc.) de cada aluno. Outro aspecto

abordado será o de oferecer mais um espaço de vivência e convivência social (trabalho em equipe, respeito aos colegas e etc.), pretendendo dessa maneira, proporcionar o desenvolvimento mais completo possível de cada uma das crianças (físico, social e emocional) envolvidas no processo.

Para alunos(as) do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

BREAKIDDIN (*breaking*)

A aulas de *Breaking* tem o objetivo de desenvolver as capacidades físicas, através de movimentos rítmicos e acrobáticos.

O que é o *Breaking*?

A dança *Breaking* faz parte da cultura *HipHop*. Surgiu nos anos 70 nas periferias e subúrbios dos Estados Unidos. Foi criada por negros e latinos que habitavam essas regiões e, com isso, nota-se uma grande influência de várias outras danças de outras culturas, como a Salsa, a Capoeira, o Sapateado... e também de outras linguagens corporais, como a ginástica.

Funk (original - James Brown, por exemplo), *Breakbeat* e *RAP* são os principais gêneros musicais dos praticantes de *Breaking*.

Agilidade, controle e consciência do próprio corpo, movimentos virtuosos e inusitados fazem do *Breaking* uma das danças mais intensas e impressionantes que existe.

Itens abordados e explorados:

Teoria e história do *breaking*; exercícios de flexibilidade; *TopRock* (a parte "em pé" do *breaking*); *Footwork* (dança com as mãos no chão, utilizando os pés para movimentar-se livremente pelo chão); *Freezes* (poses estáticas em posições inusitadas, utilizando as mãos no chão e os pés quase sempre fora do chão); *Powermoves* (movimentos acrobáticos giratórios em um único eixo, com os pés fora do chão); bases da ginástica (parada de mãos, saltos, rolamentos).

Para alunos(as) do Fundamental – Ciclos I e II (1º ao 6º ano)

CAPOEIRA

As aulas de capoeira na Escola do Sítio têm como objetivo explorar a cultura da capoeira no sentido mais amplo como os estilos Angola e Regional (golpes, defesas, sequências), movimentos característicos do Grupo Cordão de Ouro, acrobacias, história dos instrumentos e mestres tradicionais, contribuindo principalmente para o desenvolvimento dos(as) alunos(as) nos aspectos motor, cognitivo e social através dos movimentos corporais, musicalidade, cooperação e integração nas atividades propostas.

O Grupo Cordão de Ouro surgiu em 1967, no estado de São Paulo, com os Mestres Suassuna e Brasília. Hoje, possui filiais em todo Brasil e Exterior contribuindo para a expansão da Cultura Brasileira através de seus professores, contra mestres e mestres formados.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Maternais I, II, III, Jardins I e II) e do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

CULINÁRIA NAS TARDES DO SÍTIO

A ideia de trabalhar com crianças um projeto de culinária é por acreditar que entre tigelas e colheres de pau, os pequenos podem aprender uma porção de coisas importantes. Dentre elas, podemos destacar: a transformação dos alimentos que sofrem ação do frio e do calor; o conhecimento, o manejo e a descoberta para que servem os tipos de utensílios utilizados na cozinha; o conhecimento dos objetos de medidas; a leitura e interpretação de receitas.

Para os que ainda não sabem ler, faremos uso de decifrações de ilustrações coloridas que representam os ingredientes da receita trabalhada.

Outro aspecto interessante, além dos conceitos citados, será a exploração acerca do conhecimento de tradições e pratos típicos de outros estados e países, a interação com os colegas, o trabalho em grupo a cooperação, e a aquisição de hábitos saudáveis de alimentação, de maneira prática com a abertura para experimentações de sabores e saberes. E para terminar a hora da degustação.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Maternais I, II, III, Jardins I e II) e do Fundamental I (Ciclos I – 1º e 2º ano)

DANÇA APLICADA A CONSCIÊNCIA E EXPRESSÃO CORPORAL

Tem como objetivo apresentar e desenvolver, através de aulas lúdicas grupais, uma vivência em dança clássica e contemporânea que integrem o fazer, a apreciação e a contextualização artística por meio de processos referenciados aos estudos das técnicas de Klauss Vianna, Rudolf Von Laban. Também serão trabalhados os processos de criação em dança, com improvisações, composição coreográfica e execução de sequências coreográficas.

A ideia é proporcionar aos alunos, vocabulário de movimentos; ampliação das referências espaciais e temporais; desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, a fim de que estes percebam a dança como instrumento de compreensão corporal/pessoal e de comunicação.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Maternais I, II, III, Jardins I e II)

FOTOGRAFIA

O curso de fotografia é composto por duas partes que incluem a instrumentalização sobre o estudo de imagens e técnicas de fotografia, num primeiro momento e posteriormente a experimentação (captura e tratamento de imagens). Portanto abrangerá estudos sobre o conceito de imagem, a história da fotografia e suas implicações na química, física e matemática, princípios de fotografia (câmera e técnica), composição (simetria e perspectiva), como elementos a serem trabalhados no primeiro semestre. Está prevista nessa fase atuações regionais na captura das imagens, como no espaço da escola e seus arredores vizinhos. Para a segunda fase a metodologia usada será baseada na edição/tratamento de imagens e técnicas como a “pinhole” e elementos analógicos. Também será proposto para os alunos, junto à atividade de teatro, produções audiovisuais

com o intuito de deixar concreto aquilo que eles aprenderam ao longo do curso. Ao final do curso será realizada uma exposição dos materiais, sejam fotográficas ou produções audiovisuais.

Para alunos(as) do Fundamental II (Ciclo III – 7º ao 9º ano)

JUDÔ

O Judô é uma arte marcial esportiva criada no Japão. Assim, através da teoria e prática dessa modalidade, pretendemos explorar e também conhecer um pouco da cultura japonesa. Técnica de defesa pessoal, para além do desenvolvimento físico, acreditamos que o judô auxilia na concentração e disciplina e que elas transcendem o momento da atividade propriamente dita (o treino), podendo inclusive contribuir para a ampliação da mente.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Jardins I e II) e do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

MOVIMENTO E EXPRESSÃO

A oficina “Expressão e Movimento” tem como objetivo proporcionar um ambiente lúdico convidativo ao brincar espontâneo e à criação de movimentos e brincadeiras. Para isto serão oferecidos diversos brinquedos representativos e tradicionais que incitem o brincar, tais como bonecos, blocos de madeira, giz, caminhões, fantasias, argila, corda, elástico, caixas de papelão, bolinhas de gude e piões. Em determinados momentos também será proposto às crianças trabalhar a criatividade e o autoconhecimento através da exploração dos movimentos corporais e dos jogos de improviso. Dessa maneira, a oficina permitirá, através do brincar, narrar com o corpo as nossas próprias experiências culturais. Por isso, a brincadeira acontece livremente de maneira diversa e a aprendizagem se dá a todo o momento e entre todos os sujeitos através do brincar.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Jardins I e II) e do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

PÉ DE PLANTA

O Projeto Pé de Planta tem o objetivo de envolver as crianças em atividades relacionadas com a horta da escola, compostagem, reciclagem e reaproveitamento dos resíduos, conciliando atividades lúdicas para observação dos ciclos da natureza e dos impactos de nossas ações sobre ela.

Para alunos(as) do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

PERCUSSÃO

Nas aulas de Percussão continuaremos os trabalhos com jogos e brincadeiras que envolvem ritmo e musicalidade, para estimular a percepção de tempo e pulsação, essenciais para a prática musical. Brincaremos com percussão corporal e músicas do universo infantil.

Continuaremos também com o desenvolvimento da concentração e coordenação motora, necessárias para manter uma pulsação e conseguir usar outros sentidos ao mesmo tempo, tocando e cantando simultaneamente. Acreditamos que esse trabalho enriquece a formação das crianças por ampliarem o contato com outras formas de percepções e sentidos e de como usa-los na prática, artisticamente de forma lúdica e não competitiva.

Nesse ano pretendemos também incrementar nossa Oficina de Percussão com a construção de alguns instrumentos, visando a promoção da consciência ecológica, de reciclagem, de valorização dos materiais utilizados e despertando a curiosidade das crianças, sua imaginação e criatividade, o que contribui também para o entendimento de questões elementares referentes à produção do som e às suas qualidades.

Para alunos(as) do Fundamental I (Ciclos I e II – 1º ao 6º ano)

PRODUÇÃO TEXTUAL

O projeto *Oficina de Escrita* busca oferecer às crianças diferentes oportunidades de expressão com as mídias que o jornalismo utiliza, como textos (notícias, reportagens e entrevistas escritas), áudio (*podcast*) e vídeos (vídeo reportagens ou vídeos que complementam notícias).

Criaremos um jornal na escola no qual serão periodicamente publicados conteúdos produzidos pelos alunos, com temas que interessem à comunidade escolar como: agenda cultural da escola e região (voltada para o público infantil) entrevistas com antigos moradores do bairro e/ou colaboradores da escola), notícias de acontecimentos de relevância para a escola, projetos que estão ocorrendo na escola, etc.

O projeto também objetiva trabalhar o senso de comunidade através de questionamentos do jornalismo, o valor-notícia (o que é relevante para ser noticiado?) e as questões que envolvem circulação de informação (quem lê e por que lê?). Ao longo da oficina os alunos serão incentivados a exprimirem seus próprios interesses, de modo a conhecerem melhor a si mesmos e a comunidade da qual fazem parte.

Para alunos(as) do Fundamental II (6º ao 9º ano)

SUSTENTABILIDADE

Através de estratégias que possibilitem o debate sobre as ações que tratam dos diversos temas de sustentabilidade, essa oficina tem como objetivo acessar o discurso e analisar as práticas que o coletivo propõe. Serão abordados assuntos como consumo consciente, produção de alimentos, biodiversidade, uso da água, sistemas florestais, ecotecnologias, comunidades e outras questões que poderão dialogar com as temáticas. Trabalharemos procurando promover o desenvolvimento e conscientização das crianças em sua percepção sobre a relação direta entre suas atitudes cotidianas e as consequências imediatas para eles mesmos, o ambiente e a sociedade.

Para alunos(as) do Fundamental I e II (3º ao 9º ano)

TEATRO

O Teatro é uma manifestação cultural das mais antigas. A representatividade inerente a esta arte é de grande valia para as relações humanas em geral, uma vez que o teatro desenvolve a nossa capacidade de ser e estar. Ele proporciona uma interação humana entre aqueles que desenvolvem esta arte. Oportuniza a inclusão e o desenvolvimento da criatividade no sentido de expressão. Na Escola, a atividade teatral possibilita uma interdisciplinaridade, podendo ser veículo facilitador de Interação entre as disciplinas curriculares.

Tem como objetivo desenvolver a capacidade criativa dos alunos aprimorando suas formas de expressão e de interação entre seus pares. Bem como a aprendizagem de técnicas de criação, atuação e interpretação teatral.

A metodologia usada será pautada em diversas ferramentas como: a Instrumentalização artística: Jogos cênicos teatrais como: “Campo de visão”; “Obra e artista”; “Dança dos Ventos”; “Lançamentos de objetos imaginários”; “A mimese de animais”; etc. Processo de Criação: Jogos criativos: (dinâmicas englobando as temáticas selecionadas que desembocam em pré-cenas). Confecção de figurinos com materiais recicláveis contemplando as necessidades do processo criativo. Confecção de cenários também com materiais recicláveis (arte povera). Repetição e fechamento das cenas, lapidação dos gestos. Apresentação de um exercício cênico teatral na Escola.

Para alunos(as) do Fundamental I e II (Ciclo I – 3º ano, Ciclo II – 4º ao 6º ano e Ciclo III – 7º ao 9º ano)

YOGA

A proposta de Yoga na Escola do Sítio surgiu com o objetivo de estimular a consciência corporal, a psicomotricidade, o equilíbrio e a flexibilidade.

Através do uso de recursos lúdicos, histórias, músicas e interações entre as crianças, é possível que elas adquiram mais concentração, paciência, tolerância e autoconfiança para lidarem harmoniosamente com as questões de sua vida mais precocemente.

A prática de Yoga adaptada ao universo infantil é uma proposta inovadora e possibilita um contato precoce com o autoconhecimento corporal e psíquico.

Para alunos(as) da Educação Infantil (Maternais I, II, III, Jardins I e II)

10.5. Estudos do Meio – prática aplicada a todos os segmentos

Para uma abordagem mais dinâmica, estimulante e humanizada, há estudos que são propostos em ambientes fora da escola. Eles possibilitam uma experimentação diferente do trabalho – sejam com conceitos, habilidades ou competências – que também são explorados em sala de aula. Esses projetos são chamados de “Estudo do Meio” e acontecem quando

saímos dos muros da escola para conhecer, na prática através de outras perspectivas, algum conhecimento e oportunizar novas e diversificadas experiências e vivências.

Com o objetivo de procurar estabelecer um rico contato com a realidade de maneira a compor o trabalho nos projetos das turmas e uma relação mais intensa, consideramos esses Estudos do Meio como ricas possibilidades de ampliação de repertórios específicos e também valorizamos como excelentes oportunidades de convivência coletiva em situações cotidianas, para além do espaço e dinâmica escolar.

De maneira geral, os Estudos do Meio são propostas levantadas pelos(as) professores(as) de visitação à algum ambiente, local ou exposição que, de alguma maneira, dialogue e se conecte com o trabalho ou projeto que está se desenvolvendo em uma determinada turma e/ou disciplina. Eles não são os mesmos todos os anos e são escolhidos pelo significado e contribuição que podem oferecer ao processo que está se construindo com um determinado grupo. Tratam-se de elementos extras que, em geral, apresentam e acrescentam informações através de novas linguagens, incluindo novos repertórios, reflexões sobre atitudes, encantamentos, questionamentos, enfim, de alguma maneira produzem deslocamentos aos sujeitos que deles participam.

De maneira geral os estudos são bem preparados pela equipe pedagógica, que cuidadosamente faz o levantamento da adequação, tanto do ponto de vista dos conteúdos quanto da distância, tempo envolvido, idade dos(as) alunos(as) e outros aspectos significativos para o momento e o grupo. Há grande preocupação com a adequação da idade à proposta de estudo/saída da escola e nela estão incluídas especialmente o conteúdo, a distância e o tempo estimado de permanência fora da escola. Há também o cuidado da garantia de uma quantidade segura de adultos para acompanhar qualquer grupo que saia da escola para esses Estudos do Meio.

10.6. Estudos do Meio específicos – PETAR (7º ano) e Picinguaba (8º ano)

Há mais de 25 anos, tomamos a decisão de realizar alguns Estudos do Meio mais prolongados com os(as) alunos(as) mais velhos, nos anos finais do Fundamental II. Esses estudos envolveriam viagens mais longas incluindo pernoite e que ofereceriam possibilidades de um contato mais próximo com a natureza. Um dos objetivos era o de propiciar momentos de aventura atrelados ao desenvolvimento dos conteúdos propriamente ditos e com características muito distintas em comparação com as possíveis viagens que normalmente acontecem nas famílias.

Assim alinhamos nossos trabalhos com viagens ou saída que apresentassem desafios maiores, vislumbrando a ideia do fazer, ou pelo menos nos aproximarmos da rotina dos acontecimentos que estudamos. E é nessa perspectiva que serão apresentados o estudo para o Parque Estadual do Alto do Ribeira – PETAR, e o estudo para Picinguaba, localizados no Estado de São Paulo. Por proximidade com conteúdos desenvolvidos nas disciplinas de

Ciências e Geografia, esses estudos ocorrem com as turmas de 7º e 8º anos. Apesar da citação dessas duas disciplinas, importante registrar que há importante atuação da área de Língua Portuguesa e Arte no que dizem respeito à elaboração, orientação e organização do Diário de Viagem, que ocorrem antes e pós estudo.

PETAR – Ecossistemas de Caverna e Mata Atlântica

Para alunos(as) do 7º ano

PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA, criado pelo Decreto nº 32.283 em 1953, e localizado no Vale do Bethary, visitado inicialmente pelo pesquisador Ricardo Krone, em fins do século passado, que identificou as principais cavernas deste núcleo e hoje abriga uma das maiores concentrações de cavernas do Brasil, com mais de 300 já cadastradas em seu perímetro. A ação da água nas rochas metacálcneas, num período de milhares de anos, propicia a formação de cavernas com piso, paredes e tetos ornamentados por inúmeros espeleotemas (estalactites, estalagmites, colunas, cortinas, flores de aragonita, flores de calcita, etc).

As principais cavernas usadas para visitação turística são: CAVERNA DE SANTANA, a segunda maior do estado de São Paulo com mais de 7.000m. topografados.   percorrida pelo Córrego Roncador, reunindo uma complexa rede de galerias, onde ocorrem ornamentações delicadas de grande beleza. GRUTA DO MORRO PRETO, apresenta um pórtico de entrada de tamanho considerável e de grande beleza, que foi utilizado há centenas de anos por grupos humanos, como abrigo. Seu percurso de visita o inicia-se   direita da entrada, e desce para um grande salão "Salão do Anfiteatro". Nesse local apresenta-se aos olhos do visitante uma visão magnífica da entrada, com a luz externa destacando importantes ornamentações. TRILHA DO BETHARY, inicia-se no Posto dos Guias, e segue o rio Bethary, com 3.600m. de extensão. Esta trilha atravessa diferentes formações de rochas (Ex.: calcâneo, filito e quartzito), além da aventura de se atravessar o rio por quatro vezes, com água até os joelhos. Seguindo em frente, a cerca de 1.200m., encontra-se a CAVERNA ÁGUA SUJA, que se caracteriza por suas galerias altas e ricamente ornamentadas.

Com suas cachoeiras, rios, cavernas, fauna, flora exuberante, montanhas, vales, comunidades tradicionais descendentes de índios e muitos outros atrativos, o PETAR   uma das últimas áreas preservadas do estado. A conserva o, estudo e divulga o destes patrim nios naturais e culturais são a causa de sua existência.

O ecossistema da mata pluvial tropical são comunidades vegetais em diversos estágios de desenvolvimento, com inúmeras espécies florísticas (orquídeas e bromélias, por exemplo) e uma diversificada fauna.

Uma das características do PETAR é a grande quantidade de cavernas (cavidades naturais subterrâneas). Destas, algumas são destinadas à visita o pública, sendo que cada uma possui suas peculiaridades.

Além das possibilidades pedagógicas de estudo – Ecosistema de Mata Atlântica e Ecosistema de Caverna, exploramos também significados pessoais que uma viagem pode apresentar. Por exemplo: temos o relevo, a vegetação de Mata Atlântica, o ambiente de caverna onde se misturam as áreas de Física, Química, Geografia, Matemática, História, Ciências e Arte. Essas são as questões acadêmicas investigadas e de maneira natural conectadas, pois no campo, não há separação entre as áreas do conhecimento. A formação de uma estalactite não acontece na sua solidão, na singularidade de um evento e sim conectada aos processos da própria formação do planeta em que o clima, o tipo de rocha e seu posicionamento no terreno podem nos dar pistas que estão fora do material didático. A situação da observação nos torna exploradores não só do espaço que estamos estudando, mas da compreensão que teremos sobre a interpretação dos fenômenos oferecidos pela natureza assim como nos colocam mais próximos de um contato e compreensão de nós mesmos.

Esse estudo tem três dias de duração, mas tanto antes como depois oferece um rico material, especialmente quando nos propomos a trabalhar por projetos, pois escapam do ambiente escolarizado e transformam uma observação em laboratório criativo de suposições, dançando com as possibilidades na sutileza de quem experimenta o lúdico como suporte para um entendimento conceitual com mais significado. *“Afinal todo o conhecimento construído na história da humanidade, desde a tecnologia escrita, se fundamenta no processo de interpretação da realidade, e é norteado por uma busca incessante pela verdade. Esse acúmulo de saberes que se iniciou com a atividade interpretativa humana foi se ramificando ao longo do tempo dando origem à metáfora arborescente do saber, em que há uma hierarquização de todo conteúdo acumulado, que se origina a partir de um único e robusto tronco, de forma a revelar a grande árvore do conhecimento.”*¹

E, que árvore do conhecimento podemos oferecer aos nossos estudantes a partir de vivências que serão capazes de oferecer estímulos, os mais variados, que ativam todos os sentidos e possibilitam a ampliação das possibilidades de compreensão dos temas tratados, já que o diálogo entre o conhecimento como um todo se estabelece de maneira muito fluida e natural. O que se vive terá significado, extrapolará o momento vivido e estabelecerá conexões que não se fecharão no momento do estudo ou da vivência. Alguns pontos permanecerão abertos para serem ativados futuramente oferecendo a possibilidade do estabelecimento de novas conexões transformando a teia do saber e do ser cada vez mais complexa e profunda.

A preparação desse estudo se faz nos meses que o antecede. Falamos um pouco desse período, convocados a pesquisar e investigar os elementos da paisagem e a prever os aprendizados que poderão surgir a partir da experiência. O material que temos de apoio orienta o entendimento para alguns clichês sobre os assuntos a serem tratados (Mata Atlântica e o Ambiente de Caverna).

Nossa memória imagética também nos coloca em um local de recebimento e não questionamento, limitando nossa apropriação das informações. Parece que essas descrições se mostram empobrecidas quando as temos nos computadores e livros. Ao nos depararmos

¹ Delleuze, Guattari, 1998.

com o paredão rochoso envolvido por vegetação e majestoso na sua complexidade de conexões, percebemos a miscigenação do micro com o macro e sua completude apoiando a vida nas menores e maiores estruturas ao mesmo tempo. Uma folha que se decompõe no solo de maneira acelerada, só faz isso pelo ambiente úmido que a floresta oferece. A floresta, por sua vez, só oferece essa condição devido a sua posição na Serra do Mar e essa última se torna a responsável por manter, ou melhor dizendo, por segurar a umidade que vem do oceano. E a mata assimila essa folha como nutriente que a alimenta desde seus estágios mais primários, oferecendo a possibilidade para que os nutrientes retornem ao solo e a vida se mantenha em toda sua plenitude manifestando toda sua majestosa força. E... justamente essa vida possibilita o entrelaçamento de raízes tecendo uma malha viva que acomoda blocos de solo entremeados de pedras, impedindo assim o desmoronamento da montanha. A água ácida (que assim ficou em função da alta decomposição orgânica) percola pelo solo, buscando através das fendas, brechas para percorrer seu caminho, trazendo assim a possibilidade da ocorrência de reações químicas que transformarão o carbonato de cálcio em maravilhosos espeleotemas. Ah! Não há maneira melhor de compreender um processo bioquímico do que se encantando com as belezas que os apresentam as Cavernas calcárias. Os livros não teriam o alcance dos sentimentos gerados e da profundidade das observações, que nos permitem ver e enxergar o quão profunda se faz a rede que mantém a riqueza e o equilíbrio daquele ambiente. Mostra com força, encanto e realidade muitos conceitos com os quais nos debruçamos a refletir com nossos adolescentes. Enfim o aprendizado realmente acontece, e, acreditamos que esses são os preciosos momentos onde conteúdos se transformam em conhecimentos a serem carregados, modificados, ampliados por cada um(a) vida afora.

PICINGUABA e PARATY – Ecossistemas de Mata Atlântica de Encosta, Restinga, Manguezal, Marinho e um pouco sobre a História do Brasil através das trilhas de Paraty

Para alunos(as) do 8º ano

No projeto PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR, que envolve o Núcleo Picinguaba, a região do Saco do Mamangá (em Paraty Mirim) e Paraty, exploramos a natureza, biologia, história e cultura que se integram através das trilhas e ambientes visitados.

O NÚCLEO PICINGUABA nos oferece uma rara experiência que nos oferece a riqueza da exploração de um patrimônio natural e outro histórico-cultural é o que oferece a visita ao Núcleo Picinguaba, localizado no município de Ubatuba, litoral norte de São Paulo.

Caminhar pelo interior da floresta, pelos ecossistemas associados que formam a Mata Atlântica, andar na praia ainda pouco explorada, visitar uma histórica Casa de Farinha e conhecer um pouco da cultura caiçara através de conversas com moradores tradicionais são alguns dos atrativos do Núcleo Picinguaba, que faz parte do Parque Estadual da Serra do Mar e integra a rede de Unidades de Conservação administrada pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo através da Fundação Florestal.

Sua localização ambientalmente estratégica faz a ligação entre o Parque Estadual da Serra do Mar (cerca de 315 mil ha) com o Parque Nacional da Serra da Bocaina (80 mil ha) e com a

Área de Proteção Ambiental - APA do Cairuçu, no Estado do Rio de Janeiro (30 mil ha), formando um grande corredor para uma fauna diversificada, infelizmente ameaçada de extinção.

Único ponto do Parque Estadual da Serra do Mar que atinge a orla marítima, a floresta em Picinguaba chega até os costões rochosos e se espalha pela planície litorânea em sete praias.

Com uma área de abrangência de 47.000 ha, totalmente inserido no município de Ubatuba, do Núcleo fazem parte a Vila Picinguaba, uma aldeia de pescadores na Praia do Cambury, e um agrupamento de pequenos posseiros no sertão da Fazenda Picinguaba.

As trilhas do Núcleo Picinguaba podem receber grupos de no máximo 15 pessoas por monitor. Os monitores, que são moradores da região, sempre acompanham e orientam os visitantes. Eles fazem parte de um projeto do governo do estado para monitores em UC-Unidades de Conservação. Esse projeto que une a vivência dos moradores, através de seu conhecimento, com o visitante permitindo a interação construtiva para ambas as partes ainda funciona como alternativa de trabalho e renda para os moradores locais.

A Trilha do Picadão da Barra, que permite o estudo de restinga, manguezal, barras dos rios Fazenda e Picinguaba, vegetação de praia e pelo ambiente marinho da praia da Fazenda, começa na Rodovia Rio-Santos e vai até a foz do Rio das Bicas. Os posseiros do sertão ainda hoje utilizam a trilha para chegar à Vila de Picinguaba. Com cerca de 2.500 metros, a trilha pode ser percorrida em cerca de duas horas e meia, dependendo da maré.

O SACO DE MAMANGUÁ localizado no município de Paraty Mirim- sudeste do estado do Rio de Janeiro é o único fiorde tropical da costa brasileira, uma entrada de mar de coloração esverdeada que se estende por 8 Km até se encerrar no mais bem preservado manguezal da Baía da Ilha Grande. Todo este maravilhoso cenário é margeado por íngremes montanhas ocupadas pela Floresta Tropical Atlântica e povoado por uma comunidade tradicional de caiçaras (pescadores, artesãos e agricultores) que ainda mantém seu modo de vida, enriquecendo ainda mais o convívio neste paraíso tropical.

O trajeto até o local do estudo é realizado através de barcos (baleeiras locais).

Experimentamos uma imersão na cultura caiçara. Aprendemos sobre o processo da pesca artesanal (pesca de tarrafa, covo e puçá) no início do trajeto. Através de uma trilha de 40 min pelo interior da Mata Atlântica ou pelos caminhos do manguezal que são vencidos através de canoas, chegamos até a comunidade de artesãos do Regato. Contato para uma contato direto com comunidade caiçara, onde vivenciamos um almoço caiçara e, em seguida, a apresentação do projeto de manejo sustentável dos caixetais, demonstração da manufatura de artesanatos (barquinhos) de caixeta, oferecemos uma oficina de pintura de barquinhos.

No trajeto realizado com as canoas, além das orientações e aprendizagem de noções básicas de remo em canoas, também observamos e aprendemos sobre as importantes adaptações dos seres vivos (tanto vegetais quanto animais) que habitam esse ecossistema.

10.7. Acampamento

Essa é uma atividade oferecida aos alunos e alunas do Fundamental II (6º a 9º ano) e tem como objetivo promover o entrosamento entre os estudantes e a equipe pedagógica, possibilitar a utilização do espaço da escola como experiência de vivência diferenciada do cotidiano, além de promover diversão e construir momentos especiais de socialização, que construirão memórias especiais da escola.

Em nosso acampamento, professores e alunos das diferentes turmas se envolvem em provas recreativas que compõem a gincana que fazem parte das atividades programadas e partilham de momentos de conversa e entrosamento, o que amplia a todos a possibilidade de se conhecerem mais profundamente.

Tudo começa com a montagem das barracas quando os alunos ajudam uns aos outros, além de contarem com a colaboração de alguns pais e mães, além dos professores, coordenadora e diretora, enfim de todos que participam desse evento.

Com as barracas montadas, mochilas arrumadas e todos participantes já presentes, começamos então a divisão dos alunos em três equipes que terão pela frente muitas provas a serem realizadas e desafios a serem cumpridos. Tanto as provas quanto os desafios são condicionados a atividades coletivas em que é necessária a participação de todos os integrantes de cada um dos grupos. Com isso alunos se ajudam, ficam na torcida e se divertem ao mesmo tempo. Em situações variadas procuramos explorar diversificadas habilidades, valorizando assim o potencial de cada um desses jovens participantes. Também trazemos como provas para a gincana, desafios culturais, provas ligadas as artes e enigmas que vão se construindo ao longo dos dois dias do evento.

Para dar início a gincana, depois da criação de “um grito de guerra”, inicia-se a gincana já com algumas provas bem divertidas até a fome começar a incomodar. Nesse momento, então, interrompemos para o refeitório para o jantar. Em geral oferecemos pizzas variadas, que fazem muito sucesso entre os adolescentes.

Após o jantar, já contando com a iluminação especial com direito a vários acessórios e o som partimos para a balada, preparamos a sala para o cinema e também acendemos uma fogueira. Aquecidos pelo fogo ficamos um longo tempo conversando e apreciando o movimento das chamas enquanto aguardamos o braseiro para assarmos marshmallow.

Com o avançar da noite, as conversas entre os alunos e professores se estendem, incluindo uma roda de violão (quanto temos alguém que toca esse instrumento). alguns preferem a sessão de cinema e outros, dominados pelo sono, vão para a sala ou para as barracas dormir. Mas para os que permanecem acordados ainda preparamos um chocolate quente com bolachas. Depois disso, em um horário determinado todos tem que se recolher em suas barracas ou na sala para dormir, pois muitas são as atividades programadas para o dia seguinte.

Ao amanhecer preparamos uma farta mesa de café da manhã que aguarda a turma enquanto alunos e alunas, aos poucos, vão deixando a preguiça de iniciar o sábado com muita energia. Eles sabem que outras provas e desafios os aguardam ao longo de todo o dia. E dessa maneira, entre a bola na quadra e as conversas intermináveis, recebem animadamente as novas surpresas para eles preparadas. Assim, as atividades seguem, conforme a programação, entre provas da gincana e momentos mais livres mesmo após o almoço, até às 16h do sábado.

Encerramos o acampamento com muitas fotos e a vontade de começar tudo novamente.

10.8. Acantonamento

O acantonamento é uma atividade oferecida aos alunos e alunas do Fundamental I (1º ao 5º ano). Esse evento tem um caráter muito marcante, pois trata-se de um primeiro momento em que as crianças viverão a escola de uma maneira bastante diferenciada. Além da gincana e brincadeiras proporcionadas esse é a primeira vez que eles dormirão na escola em grupo com todos os colegas de turma dentro de uma ou duas (se necessário) salas de aula.

O evento tem início ao final da tarde de uma sexta-feira, quando as crianças vão chegando com seus familiares que nos ajudam na arrumação das salas/dormitórios. As professoras, auxiliares de turma, coordenação e direção recebem todos com muita alegria e festa.

Sempre há um TEMA para os acantonamentos e, na medida do possível, é montado um local caracterizado com esse tema para registros fotográficos que são feitos pela escola e famílias no momento da chegada, quando geralmente todos estão caracterizados de acordo com esse tema, inclusive a equipe pedagógica. Dessa maneira o acantonamento já se inicia com muita alegria e uma grande festa de todos que se divertem com os figurinos e caracterizações.

Passado o momento da chegada reunimos todo o grupo para as orientações gerais e iniciais quando são combinadas as regras para o bom funcionamento e segurança de todos(as). Em seguida as crianças são divididas em quatro equipes para as provas da gincana e cada equipe será constituída proporcionalmente por crianças de cada uma das turmas. Damos início então a uma apresentação, esquete, brincadeira que, de alguma maneira dialogue com o tema do acantonamento.

Após a apresentação iniciam-se as provas da gincana. As duas primeiras e importantes provas são criar um grito de guerra e fazer uma bandeira da equipe e, em seguida, fazer a apresentação para o restante do grupo. Seguem depois outras provas e desafios organizados pela equipe até o momento do jantar, outro momento marcante, pois eles adoram comer as pizzas já tradicionais nos acantonamentos e acampamentos da escola. Bem alimentadas as crianças ficam um pouco a vontade conversando e brincando quando então partimos para uma caça ao tesouro com lanternas iluminando cada canto da escola em busca de alguma pista ou objeto que farão parte de um dos desafios ou provas da gincana.

Como a energia é muito grande e a noite parece ser pequena para tanta animação das crianças fazemos uma “baladinha” com direito a iluminação, máquina de fumaça e outros detalhes e também um divertido desfile de pijamas ao final.

Mas a noite não acaba por ai, pois ainda vamos para a sessão de cinema. Normalmente ajeitamos em algum espaço o projetor e tela e oferecemos algumas possibilidades de filmes adequados à faixa etária e, se possível, relacionados ao tema do acantonamento. Nesse momento temos crianças já cansadas querendo dormir e outras ainda muito pilhadas e essas permanecem conosco assistindo o filme até o final ou conversando com uma ou outra professora.

Entretanto há o momento de todos(as) irem para a cama, afinal ainda teremos novas atividades no dia seguinte. Então todos se recolhem nos “quartos”, cada um em seu colchão ou saco de dormir e junto com suas professoras e/ou auxiliares vão relaxando até pegarem no sono. Enfim, o primeiro dia do acantonamento termina com as crianças exaustas e felizes com os momentos de alegria vividos e compartilhados com o grupo e com suas professoras, coordenação e direção da escola.

O sábado se inicia com um delicioso café da manhã preparado pelas funcionárias, professoras, coordenadoras e diretora e depois todos vão se preparar para mais uma etapa de provas da gincana. Em um determinado horário, chegando próximo ao final do acantonamento, uma das provas é organizar seus pertences e deixar tudo arrumado por equipe em um local determinado próximo ao portão da escola. Na sala apenas a mala com as roupas porque, se o tempo estiver bom e permitir, acontecerá como último momento a deliciosa guerra de bexigas com água. Assim, com muita alegria e diversão vamos encerrando próximo ao horário do almoço o acantonamento com uma foto de todo o grupo na quadra e a entrega do mimo que cuidadosamente preparamos para o encerramento.

10.9. Festa Junina

Danças, festejos, cultura e arte: a trajetória de um projeto que se fez e se faz no arcabouço estudantil, alinhando os saberes e suas expressividades populares.

A tradição de homenagear diferentes manifestações culturais e a busca por construir relações entre a Festa Junina e o que descobrimos em nossas pesquisas no trabalho cotidiano que se faz nas turmas, gera as criações que deliciosamente ganham cor, movimento e vida e nos movimentam a preparar as apresentações para o importante encontro que acontece entre alunos(as) e equipe pedagógica e o público visitante em nossas festas deliciosas festas juninas. Convidamos o público a se deixar adentrar em nossa cultura popular num encontro com nossas raízes, por meio das apresentações que se mostram no decorrer do dia da festa. Afinal, somos frutos do cultivo de diversas lendas, danças, festas, comidas e muita história pra contar!

Desde sua criação, a escolha por trabalhar por projetos se aninha no corpo docente e discente, como alternativa a um tradicionalismo que imperava nos ambientes escolares mais inflexíveis. A ideia da construção do conhecimento de maneira mais autoral e com recursos argumentativos por parte do alunado deixa claro uma característica de abertura para conhecer a visão de mundo que todos trazem para os ambientes escolares. Portanto entende-se que o aprendizado não é uma via de mão única, em que o professor apresenta informações e os alunos a absorvem, sem questionamentos ou aprofundamento. Nesse sentido há uma diferenciação de aluno e estudante, sendo o último responsável pelos entendimentos e conseqüentemente elaborador de questões e indubitavelmente questionador das informações. O estudante pesquisa e vai atrás de análises necessárias a sua argumentação. Para o aluno, muitas vezes, bastaria a informação isenta de porquês, pois isso comprometeria seu tempo, uma vez que sua dedicação a um determinado assunto deveria lhe impor um maior aprofundamento. E é por esse motivo que se almeja estudantes que tenham condições de problematizar os fatos a que se deparam. Esse exercício transforma a informação em conhecimento e o aprendizado se faz tanto para o professor quanto para o aluno. As propostas vão ganhando forma e força de acordo com a ideia de pertencimento dos envolvidos e o debate se faz naturalmente, visto que precisam ser considerados aspectos para a concretização do planejamento. As conversas vão se rascunhando nas opiniões, mas longe do vislumbre do resultado. A expressividade do indivíduo no coletivo permanece como desejo de algo ainda não factual, mas que virá a ser resultado de um grupo. Muitos autores mais acadêmicos chamariam isso de cultura. Nos dicionários esse verbete se encontra de várias maneiras sendo bem difícil cravar um significado, dada a complexidade dos estudos que envolvem o conceito. Em geral diz-se que cultura é a manifestação popular dos saberes e técnicas de determinadas comunidades, sendo expressadas na arte, no artesanato, nas tradições orais, corporais e que podem ser passadas para gerações futuras por diversos meios. Para um educador cultura tem um sentido precioso que visa não só a expressão de um fato, mas seu questionamento e às vezes a resistência. Quando pensamos a educação trabalhando por projetos é salutar que os envolvidos tenham espaço para os entendimentos de mundo que trazem, e que isso se faça democraticamente em que o grupo tenha voz e a exerça de modo pleno. A composição permite a construção dos saberes junto com a experimentação, tanto do lado dos(as) alunos(as) como dos professores e coordenação. Não há um decreto do que se deve fazer, nem linhas promulgadas das especificidades. Ao longo do percurso se experimenta caminhos, mesmo que esses nos façam voltar e refazer novamente a orientação do projeto. E nesse sentido podemos citar os filósofos Deleuze e Guattari que encaminham alguns pensares sobre o conhecimento e a experimentação:

As linhas de fuga, conceito usado pelos filósofos citados também caberiam nesse tipo de escola aqui relatado, que tem o erro fonte de questionamento e orientações que remetem às investigações e sustentam as discussões. Só sabemos de algo com propriedade quando podemos livremente o reinventar, tropeçar nos seus nós, alterar, mesmo no imaginário sua função. A filosofia cabe nesse exercício.

No exercício de pensar, que tem conseqüências, porque “não pensamos sem nos tornarmos outras coisas”², o filósofo cria seu conceito, que não é uma proposição e não tem a pretensão de “definir”. Ele cria uma realidade, gera acontecimentos. Deleuze e Guattari

² DELEUZE-GUATTARI, 2004, p.59

apresentam Platão como exemplo. Ele dizia que deveríamos contemplar as Ideias, mas precisou antes criar esse conceito de Ideia, precisou estabelecer um mundo ideal onde as Ideias estivessem. E, a partir desse conceito, surgiram as noções de representação, de simulacro...

E é nesse exercício de proposição de ações que iniciamos as conversas sobre o que acontecerá com as danças que serão apresentadas na festa junina. Para entender melhor será necessário retomar a questão dos ciclos de formação. Na Escola do Sítio temos quatro ciclos que compreendem a Educação Infantil, Ciclo I, II e III, com faixas etárias que englobam respectivamente o Maternal e Jardim, 1º, 2º e 3º anos, 4º, 5º e 6º anos e 7º, 8º e 9º anos. Em cada um dos segmentos a construção das apresentações que acontecerão na festa junina acontecem de maneiras distintas.

Na Educação Infantil (tanto maternas quanto jardins) parte-se da percepção do que está mobilizando cada um dos grupos em seus projetos de trabalho, assuntos ou temas de interesse que estão se desenvolvendo ao longo das aulas. Esse material pode ser complementado ou enriquecido com uma música que estão cantando, uma atividade que está entusiasmando na educação física, um livro que está sendo lido, uma brincadeira que está encantando nos meses próximos que precedem a festa. A partir desses trabalhos e dos interesses dos maternas e dos jardins as professoras, juntamente com os professores de música e educação física e a coordenação vão construindo juntos com as crianças. Cada detalhe seja nas brincadeiras que se tornaram coreografias ou nos desejos as crianças participam ativamente na montagem dos adereços e/ou cenários que irão compor deliciosamente os detalhes da apresentação. Essa por sua vez é pensada e organizada de maneira a garantir a adequação as características, habilidades e possibilidades de cada grupo, permitindo acima de tudo que cada criança se divirta muito com o processo e a apresentação final no dia da festa.

Nos Ciclos I e II o processo se dá contanto com uma participação mais consciente das crianças. Em geral observa-se também o que está mobilizando cada ciclo, porém agora os objetos disparadores das turmas são incorporados ao projeto das apresentações desses dois segmentos. Constrói-se então a narrativa, que será relacionada à dança escolhida ou vice-versa e parte-se para o desenvolvimento dos passos e coreografia. Nesse momento lança-se mão de importantes referenciais do folclore e cultura brasileira, o que acontece através de pesquisas em livros e pela internet, vídeos e músicas. Assim a coreografia também vai sendo construída da interação das crianças com as professoras das turmas e a professora de educação física, com o apoio sempre presente da coordenação e direção pedagógica num rico e valioso processo de envolvimento de todos e todas fortalecendo cada vez mais a importância da produção coletiva. Ao final acontece também a escolha do figurino, eventuais cenários e adereços de maneira participativa de todos os envolvidos. Todas as etapas são orientadas, mediadas e organizadas pelas professoras de cada uma das três turmas de cada ciclo, juntamente com a professora de educação física, a coordenação e direção pedagógica.

Tradicionalmente o Ciclo III é o responsável pela quadrilha. Entretanto a nossa quadrilha não se limita aos passos tradicionais, mas os inclui de maneira divertida no percurso de sua apresentação.

Tudo começou há muito tempo ao iniciarmos nossos questionamentos sobre a formação dos pares (menino e menina), típicos das quadrilhas tradicionais. Ora faltavam meninas, ora meninos, enfrentávamos crises entre os adolescentes nas escolhas de seus pares que geravam frustrações e descontentamentos variados. Nesse contexto iniciou-se o desejo de construção de um novo caminho, de encontrarmos a possibilidade de “estabelecer um diálogo” entre a tradição e a inovação.

Dessa maneira, o percurso das danças dialoga com nossa prática na sala de aula e da construção do conhecimento que fazemos nas diversas disciplinas. Portanto, quando trabalhamos por projetos, como é possível na Escola do Sítio, não há o isolamento docente, ou a solidão das áreas. Não ensinamos Geografia, História, Matemática e sim a ampliação das ideias e a completude das ciências... muitas vezes isso só é plausível com a arte! Então as questões, sejam elas quais forem perpassam pelas áreas do conhecimento e são o amálgama do que entendemos como educação. E da interação entre os envolvidos no processo e dos conhecimentos desenvolvidos, em uma grande assembleia, construímos o tema de cada ano para a nossa quadrilha. O barco sempre sai de um porto, porém a rota é desconhecida. Não se sabe ao certo em que mares navegaremos, mas apenas que navegaremos parafraseando o poeta. E é nesse navegar que o debate se faz. Obviamente temos nossas caravelas, nossos transatlânticos (quando se faz necessário), quando partimos para os oceanos e temos também nossas “gaiolas” para navegar os rios mais caudalosos, representando os instrumentos de análises, porém o Norte quem dá é o tempo e o desenrolar dos projetos.

Assuntos de destaque aparecem na voz dos adolescentes, preocupações que carregam a partir de suas vivências, questionamentos adquiridos ao longo das aulas formam uma rede de ideias que se conectam e desconectam e nesse tecer cheio de interações. Diante desse contexto surge o nosso tema e partir dele, juntos construímos a coreografia, elaboramos o figurino, escolhemos a música e habilmente montamos o diálogo entre toda essa construção e a quadrilha tradicional. Trata-se de um trabalho intenso e muito rico, de ouvir, apresentar, defender ideias, aceitar a opinião do outro, chegar a um consenso, a um denominador comum. Tudo isso mediado pelos(as) professoras, coordenação e direção pedagógica.

10.10. O uso da biblioteca na escola

Espaço de enriquecimento, a biblioteca na Escola do Sítio precisa ser um local agradável, acolhedor, que inspire o desejo de permanência, de ficar para ler, para ouvir histórias, para se encantar com o mundo a ser imaginado, as informações que podem ser acessadas, a fantasia que tem seu espaço e o crescimento que pode acontecer através de palavras registradas poeticamente, racionalmente, livremente ou cientificamente nos volumes que nesse espaço são organizados e armazenados.

A leitura tem o seu tempo e lugar especial em nossa escola. Além das bibliotecas de sala, das leituras que acontecem no cotidiano da dinâmica escolar, todas as turmas tem um horário fixo semanal de visita à biblioteca. Esses são momentos não apenas de leitura, mas também de exploração, de escolha do livro a ser levado para casa para lá

permanecerem pelo intervalo de uma semana. Assim durante essa “visita” programada as crianças fazem as trocas de livros, sempre auxiliadas pelas professoras que verificam a adequação (tanto do tema ou assunto, quanto da densidade, profundidade do texto ou tamanho em função da habilidade da criança na leitura).

Já os adolescentes frequentam a biblioteca e, nesse momento, podem realizar a leitura escolhida para o grupo e/ou ainda fazer escolhas de títulos a serem levados para casa.

Importante também registrar que a biblioteca permanece aberta durante o período das aulas para que qualquer aluno ou aluna possa fazer retirada ou devolução de material ao longo do período em que estão na escola.

10.11. Projeto de leitura no 5º ano

A escola é um ambiente propício para que a vivência da leitura aconteça. A leitura auxilia na formação do homem, amplia sua visão de mundo, contribui com o crescimento intelectual de maneira prazerosa e criativa, colaborando para o desenvolvimento de um indivíduo questionador, tornando-o mais flexível e crítico, oferecendo-lhe ferramentas para atuar em diferentes situações, possibilitando o desenvolvimento da organização do pensamento frente à realidade social em que vive e atua.

A arte de contar histórias é uma prática antiga que teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, é uma atividade que ocupa a imaginação humana há milhares de anos. Gente de todos os lugares contam histórias para divertir, ensinar, lembrar ou apenas passar o tempo. Todos os povos do mundo mantêm a tradição de contar histórias oralmente. Nossos avós, nossos pais contaram belíssimas histórias fazendo-nos viajar pela imaginação.

O Projeto de Leitura na turma de 5º Ano

Considerando que contar e ouvir histórias possibilita a aprendizagem como uma atividade de suma importância na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético e significativo da criança enquanto ser humano, a escolha deste projeto viabiliza o desenvolvimento do indivíduo diante destes apontamentos.

Através da leitura conhecemos pessoas, personagens, lugares que podem despertar simpatia, antipatia, permitindo que o leitor se encontre, se encante, se reconheça ou se estranhe diante deles. Podemos sentir cheiros, sons, sabores, cores e as formas do mundo.

Como “nasceu” o Projeto de Leitura na Escola do Sítio na década de 90

O Projeto de Leitura nasceu de um desejo de trabalhar em um projeto grande e abrangente com a biblioteca da escola; e da necessidade de envolver as crianças num trabalho de leitura, que fizesse nascer um leitor escondido que há dentro de cada um. Do desejo e da necessidade nasceu o “Projeto Biblioteca”.

Esperava-se compromisso, trabalho, participação, pensar sobre, responsabilidade, prazer e escolhas. E foi assim que tudo começou... Juntamente com as crianças, fez-se um resgate na memória dos primeiros livros lidos, hábitos de leitura na família, gêneros preferidos, frequência com a qual liam, compravam ou emprestavam livros, trabalho de sondagem muito comum no cotidiano de nossa escola. Enquanto procuravam registrar as memórias de leitor, foi crescendo a vontade de criar um novo espaço para a biblioteca; um lugar mais claro, mais espaçoso, outra organização. Depois de muita elaboração e trabalho, a nova biblioteca estava quase pronta, então um questionamento – Vamos aprender a contar histórias?

Começava agora outra etapa do projeto: “Contador de história – pra quem?” No começo só para os menores, depois o entusiasmo foi crescendo e então os alunos e alunas leram e contaram para crianças de 1ª, 2ª e 3ª séries (terminologia utilizada na época). Rapidamente eles escolheram histórias, leram, fizeram roteiros, se vestiam de contadores e, cheios de responsabilidade, ansiedade, orgulho e ideias, começaram o seu trabalho... Agora era pensar grande, voar alto, sair por aí lendo história para quem quisesse ouvir.³

Com o decorrer dos anos, o Projeto de Leitura reinventa-se de diversas maneiras, tomando o formato de vários corpos e contextos, tornando-se referência para os alunos do quinto ano da Escola do Sítio.

A leitura abre um leque de infinitas possibilidades de interações entre os sujeitos proporcionando experiências diversas tanto para quem conta quanto para quem escuta uma história, ou seja, o leitor que lê para si mesmo adquire uma experiência diferente de quando lê para o outro; o leitor que lê para familiares e amigos vivencia outra experiência quando lê para um público desconhecido. O ouvinte também participa de diversas maneiras pois experimenta e influencia as leituras em seus diferentes contextos.

O Projeto de Leitura tem sua singularidade marcada nessa relação entre as experiências. Os alunos são ora leitores, ora ouvintes e observadores. Há uma troca de sensações e experiências marcada fortemente pelo estar no lugar do outro. Organizadas em duplas, as crianças participam do processo de criação da contação de história. Às vezes por sorteio, ou escolha livre, definimos quais serão as turmas para quem cada dupla irá realizar a leitura (as turmas envolvidas no projeto são: Maternais, Jardins, 1º, 2º, 3º e 4º ano). Em seguida, elaboramos uma entrevista com as professoras da escola para conhecer melhor o interesse dos seus alunos e anotar indicações de temas e assuntos interessantes para a escolha dos livros, obtendo assim um olhar mais sensível aos contextos da turma. Ou seja, se o objeto disparador dos alunos do segundo ano for um Chapéu, a dupla poderá procurar nos livros de literatura da biblioteca da escola enredos com essa temática, aproximando-se das vivências do grupo ouvinte.

³ Revista de Educação e Cultura da Escola do Sítio - ano 2000

Na biblioteca, os alunos do quinto ano são auxiliados pelas professoras na busca de um livro adequado para a faixa etária das turmas e para sua própria experiência enquanto leitor. Discute-se, nesse momento, o julgamento prévio acerca dos livros pois desconstruímos a ideia de que somente o texto é fator importante na escolha, e percebemos que as partes visuais do livro são também de extrema importância para atrair os ouvintes ao mundo da história e para facilitar a leitura do jovem leitor.

Escolhidos os livros, os alunos do quinto ano preparam um calendário com as datas e horários disponíveis para a realização da leitura. Após a organização temporal, os convites são confeccionados e entregues às turmas. Neste momento, evidenciamos a importância da parceria entre todos os envolvidos, pois percebemos que a comunicação clara e sem interferências entre as turmas é essencial para a realização do projeto.

A leitura passa a ser a personagem principal da cena do próximo ato. Os alunos são orientados a lerem muitas vezes o livro em casa, para os familiares, considerando a importância da entonação, tom de voz e variação de personagens que aparecem na história.

Além da leitura individual e para os familiares, na sala de aula retomamos com uma leitura para os amigos a fim de promover uma ampliação das experiências que antecedem a vivência da leitura para um grupo desconhecido. Este é um momento riquíssimo onde há trocas de saberes, conselhos e experiências entre os alunos. Percebemos que essa vivência de compartilhamento da leitura com a turma favoreceu a construção da segurança nos alunos leitores, assim como da criticidade nos alunos ouvintes.

Por meio do intercâmbio de experiências o Projeto de Leitura da Escola do Sítio se consolida como ferramenta fundamental para a construção do jovem leitor, crítico, criativo e autônomo.

10.12. Sítioteca

A Biblioteca Livre “Sítioteca” foi idealizada no ano de 2017, durante as aulas de Língua Portuguesa - na frente “Projetos de Escrita e Leitura” - que aconteciam uma vez por semana. A sua construção se deu durante um ateliê, com a ajuda de outras turmas, por ocasião da Semana Cultural em setembro.

Desde a sua inauguração, os alunos do 7º ano – até então – mantiveram o ponto de biblioteca, instalado na varanda da escola, arrumando diariamente as prateleiras, repondo livros, recebendo doações, promovendo eventos e cuidando do espaço. Essas tarefas foram executadas, espontaneamente, por eles no início da manhã, hora de recreio e final do período, quando terminavam as aulas. A reposição de livros se dava no início de cada aula de Língua Portuguesa: um grupo de alunos – designado para o dia – usava os primeiros 15 minutos da aula para arrumar a biblioteca.

O objetivo dessa Oficina é transferir para o período da tarde – isto é, no contra período das aulas regulares – as tarefas que envolvem a manutenção da “Sitioteca”. Assim, o projeto que era, em 2017, de inteira responsabilidade dos alunos do 7º ano (agora 9º) pode se expandir, atingindo outros alunos da escola, interessados em cuidar e manter uma biblioteca livre.

O trabalho com a Biblioteca Livre apresenta uma característica transdisciplinar e, que, portanto, se acomoda melhor no formato de uma oficina. Por meio dela, podemos integrar a comunidade escolar, promover eventos de diferentes naturezas, que dialoguem com as diversas disciplinas e oficinas oferecidas na escola.

É interesse nosso que a “Sitioteca” se expanda e ganhe as ruas de Barão Geraldo, levando para a comunidade uma proposta de um estilo de vida, em que os livros façam parte do dia a dia das pessoas, sem precisar comprá-los. Acreditamos que, com a “Sitioteca”, os moradores de Barão Geraldo possam rever seu padrão de consumo, sua maneira de ocupar o tempo livre.

10.13. Semana Cultural

A Semana Cultural é uma atividade que acontece na escola uma vez ao ano, geralmente no segundo semestre, quando os grupos desenvolvem projetos em todas as áreas do conhecimento. É uma semana muito especial e intensa, de muito envolvimento e trabalho, tanto para a equipe pedagógica quanto para as crianças e adolescentes. Todos se comprometem e se envolvem profundamente produzindo trabalhos de grande valor!

Há algumas características especiais e importantes para a organização da dinâmica dessas semanas:

- Organização por ciclos – na Semana Cultural o trabalho se desenvolve por Ciclos de maneira a promover a interação e integração entre as crianças ou adolescentes e, também, das(os) professores de cada um dos segmentos da escola. Trata-se de uma vivência e experiência de troca de conhecimento, desenvolvimento de habilidades e competências para alunos e aluna e de planejamento e organização coletivo para professores(as).
- Disparador com toda a equipe pedagógica – organizamos um encontro com toda a equipe pedagógica mais ou menos um mês antes do início da Semana Cultural quando, de alguma maneira (uma imagem, uma música, uma dinâmica, etc.), escolhemos o tema para o ano. Nessa reunião a equipe de coordenação já leva uma ou algumas sugestões baseadas no acompanhamento faz do trabalho que está ocorrendo com as turmas. De maneira geral, a ideia parte de confluências encontradas no trabalho cotidiano das turmas. A partir do(s) disparador(es) para vão surgindo ideias que passam a ser defendidas, debatidas até que, em grupo, chegamos a um consenso a cerca do tema que faz mais sentido para o ano em

questão. De posse desse processo inicial e do tema escolhido as equipes passam então a trabalhar por segmentos.

- Planejamento com a equipe de professoras(res) de cada ciclo de formação – tendo em mãos o tema escolhido coletivamente, professores e professoras se reúnem por segmentos para juntos(as) pensarem e projetarem o caminho a ser percorrido ao longo da semana, assim como o que, como (de que maneira) as produções serão apresentadas às famílias no sábado cultural. Essa etapa é muito rica, pois as trocas dos(as) professores(as) entre si e com a coordenação são muito intensas e proveitosas. Geralmente elas promovem o deslocamento do olhar, a mudança de foco, para as dúvidas e questões que surgem.
- O trabalho ao longo da semana – a semana cultural é bastante movimentada para todos, especialmente para os alunos e alunas. Eles(elas) vivenciam horários diferenciados, pois terão metade do dia (minimamente) reorganizado ao trabalho com o projeto do seu ciclo. Essa característica traz novas perspectivas de trabalho: de organização, de produção e de aquisição de conceitos e conteúdos assim como do desenvolvimento de habilidades e competências. As crianças ou os adolescentes ficam expostos diante de outros grupos de faixas etárias próximas e seus “papeis” muitas vezes se invertem nessa nova relação/dinâmica.
- Mostra Cultural no sábado – ao final de uma semana extremamente intensa e de muitos estímulos e produções, cada um dos segmentos prepara algo para ser mostrado às famílias e demais visitantes na Mostra Cultural que ocorre no sábado pela manhã. Trata-se de um recorte do que foi vivido e aprendido ao longo do trabalho desenvolvido. A preocupação com a preparação e montagem desse evento é a de as apresentações não sejam estanques e que elas explorem todas as áreas do conhecimento sem que ocorra o privilégio de uma ou outra. Eventualmente uma das áreas se sobressai em função do tema em questão, porém mesmo nesses casos fazemos questão de nos desafiar a buscar novos caminhos para mostrar o que foi feito. Assim podemos contar com instalações, painéis interativos, filmes produzidos ao longo da semana, desafios, jogos, teatro, apresentações de dança, experimentos, mini seminários, oficinas, etc. Todos eles dialogando com o tema escolhido para a Semana Cultural.
- Avaliação e desdobramentos do trabalho desenvolvido – essa é uma etapa muito importante no processo também. Obviamente de maneiras diferenciadas, menos ou mais formais, dependendo da turma/faixa etária, passada a Mostra Cultural, no primeiro encontro na semana seguinte, cada professor(a) em seu grupo para para conversar sobre a semana anterior e o sábado cultural num movimento de avaliar o processo como um todo e também como foi o envolvimento, participação e comprometimento de cada aluno ou aluna com o processo e a apresentação do sábado. O objetivo dessa avaliação é o de reforçarmos com eles e elas os pontos positivos desse momento e resgatarmos os negativos para aprendermos com eles e, assim, os considerarmos em momentos futuros. É importante também auxiliar os estudantes a se perceberem diante do grupo e sobre a importância de sua participação e produção para o coletivo de seu segmento e também para compor o coletivo da escola no evento do sábado cultural.

10.14. Escrita de um livro e Noite de autógrafos no 6º ano

Receber as histórias e transformá-las em contos de uma coletânea – um projeto tradicional da Escola do Sítio – é uma tarefa longa, cuidadosa e cheia de respeito pelo mundo de cada uma/ cada um.

A escrita de um livro por alunos e alunas do 6º ano é um dos projetos mais antigos da escola. É um projeto que, de certa maneira, fecha o trabalho com a narrativa, amplamente explorada no ensino do Fundamental I.

No início, cada aluno(a) escrevia e ilustrava o seu livro, sendo que as famílias cuidavam da impressão dos mesmos para a “Noite de Autógrafos” – que será descrita posteriormente. No percurso ao longo do tempo, algumas alterações foram introduzidas e atualmente cada aluno(a) da turma do 6º ano do Fundamental II escreve um conto e da coletânea dos contos da turma, produzimos o “livro de contos do ano”.

O trabalho de elaboração desse livro não se restringe à produção dos textos, mas tem como base o projeto de leitura da escola, que se inicia desde as turmas de maternas. Trata-se de um longo e rico processo que percorre todo o ano e é finalizado com uma Noite de Autógrafo que acontece no mês de dezembro e fecha o trabalho do 6º ano e do Ciclo II na escola. Percorrer este caminho e buscar um grupo satisfeito na mesma medida que democrático não é trajeto curto nem rápido.

Para se construir o coletivo, precisamos, num primeiro momento, nos abdicar do individual, o que não é fácil para meninas e meninos de 11 anos. Mas difícil não significa impossível, ainda mais se, como educadores, pensarmos que a democracia não há de ser um fim, mas sempre um meio, uma maneira de se construir um governo, um povo, um grupo, uma turma de 6º ano.

Assim, na possibilidade de reforçar a ideia de que educação se faz somente com trabalho coletivo, é neste trabalho que o processo de ensino aprendizagem ganha seu curso. Não ensino e aprendizagem como depósito de conhecimentos e atividades, mas ensino e aprendizagem para construir coletivamente ideias, pensamentos, conhecimento, cada indivíduo e um grupo.

Cada escritor pensa, reflete, registra, escreve, desenha, digita, edita o seu material e faz intervenções na produção de seus colegas, contribuindo de maneira significativa para que as ideias se transformem, se materializassem, ganhem forma e coerência, e se enriqueçam de novos elementos.

Dessa maneira, os “escritores”, lançam-se com afincamento numa deliciosa, emocionante e desafiadora viagem exploratória em seus fantásticos universos interiores. Deparam-se com seus desejos de criação e inquietaram-se com as possibilidades que a escrita pode lhes oferecer. Apropriam-se de ferramentas, várias, que podem auxiliá-los a traduzir um pouco de seu incrível mundo, concretizando-o em palavras e ilustrações.

Assim, surge uma rede de ideias e conexões que os jovens escritores criam entre o seu imaginário e suas realidades, de onde surgem medos, angústias, dúvidas, vontades, sonhos

e desejos, mas também a partir das quais surgem muitas realidades imaginárias, lugares e personagens que são criados e dão vasão a todo o universo interior de cada um dos integrantes do grupo.

Para se chegar ao livro, passamos pelas seguintes fases:

1. Planejamento da história que cada aluna/aluno quer contar no livro.
2. Compartilhamento da ideia com a turma.
3. Criação de uma equipe, para escrita e compartilhamento das histórias.
4. Escrita da história individual.
5. Leitura e apreciação da turma de cada história escrita e compartilhada.
6. Revisão das histórias.
7. Desenvolvimento da(s) ilustrações para o conto.
8. Organização de grupos para propor um nome para o livro da turma.
9. Votação do título do livro.
10. Escolha coletiva do formato e elementos de diagramação do livro.
11. Organização da Noite de Autógrafos.

Todo esse processo é cuidadosamente orientado pelas(os) professoras(es) de Português e Arte, que habilmente colocam em diálogo textos e imagens para concretizar preciosos momentos de troca e construção e possibilitar, dessa maneira, o nascimento fluido e natural de personagens, cenários e tramas. Entre conversas, registros e desenhos a travessia é longa e o processo rico por permitir que todos optem por suas próprias trajetórias, e, ao final cheguem à escolha do material a ser publicado.

Professoras(es), assim como coordenação e direção pedagógica assumem vários papéis: orientadoras(es), leitoras(es), revisoras(es) e editoras(es). Tudo isso para que as histórias de ajustem e caibam à nossa proposta que é a de fazer um livro coletivo. O nosso papel é o de juntar todas e todos num livro só, e, para isso, precisamos, às vezes, diminuir de tamanho, acalmar os desejos, respirar fundo, para que tenha espaço para todo mundo e, ao final, cheguemos a um livro que abrigue todas e todos, na individualidade e essência de cada uma/ cada um.

Todo esse processo é coroado ao final com uma “Noite de Autógrafos”, momento solene em que a equipe pedagógica junto aos alunos e alunas apresentam para suas famílias e comunidade da escola o esperado livro de contos da turma. Esse evento é muito marcante para as crianças que recebem de maneira concreta, no livro pronto, o trabalho de criação, escolha e organização desenvolvido ao longo do ano.

O evento é preparado para que os nossos jovens autores se sintam valorizados e recompensados por sua produção. Segue um breve roteiro da organização:

- 1) Diretor(a) pedagógico(a) ou coordenador(a) faz a abertura do evento;
- 2) As alunas e os alunos são chamados(as) a compor a sua mesa;
- 3) Os(As) professores(as) responsáveis pelo projeto falam brevemente sobre o desenvolvimento do projeto ao longo do ano;
- 4) Os livros são entregues a cada autora/ autor;
- 5) A noite é aberta para os autógrafos: cada convidada(o) pode passar pela mesa dos autores para ganhar o seu autógrafo.

10.15. Trabalho com jogos na Educação Matemática

A Escola do Sítio oferece às crianças dos ciclos I e II (crianças do primeiro ao quinto ano) oficinas de jogos e outras atividades que envolvam o raciocínio lógico como contribuição à construção do pensamento matemático e à potencialização do desenvolvimento da inteligência.

Essas oficinas seguem o pressuposto da teoria de desenvolvimento cognitivo pautada na obra de Jean Piaget e na aplicação das teorias construtivistas ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, raciocínio lógico, julgamento, construção de hipóteses e soluções de problemas.

As aulas são preparadas e apresentadas seguindo um cronograma e de forma a se integrem à grade horária de cada turma. A diversificação de materiais e propostas segue a lógica dos projetos e da fase de desenvolvimento de cada turma, embora o mesmo material possa ser oferecido a turmas diferentes que irão assimilá-lo de maneiras distintas.

Estas experiências propiciam um olhar mais individualizado do professor em relação a seus alunos, uma vez que estão trabalhando e agindo sobre elementos que não são cotidianos a seu fazer escolar.

A seguir, exemplos de atividades oferecidas ao longo do ano.

1. A construção da ideia de numeração. Contagem e correspondência;
2. Agrupamentos em diferentes bases, utilizando ábaco;
3. Construção de um supermercado utilizando sucatas.
4. Jogo Sjoelback, ou bilhar holandês;
5. Dominós;
6. Jogo da multiplicação;
7. Construção com mosaicos;
8. Utilizando o material dourado para a compreensão da divisão;
9. Problemas de lógica: pensando fora da caixa, ou pensamento lateral;
10. Poliminós: figuras planas construídas utilizando polígonos básicos idênticos.

10.16. Apoio Pedagógico

A Escola do Sítio, buscando alternativas para diversificar o apoio à aprendizagem de alunos com dificuldades na construção e desenvolvimento de habilidades e competências e

também para atender a proposta de algumas famílias, oferece gratuitamente a atividade de Apoio Pedagógico. Esse trabalho é realizado no período da tarde em pequenos grupos de alunos que são indicados depois de sondagem e avaliação feita pelas professoras e coordenação pedagógica. A proposta de implantação dessa atividade torna-se uma importante alternativa para questões ou situações reais e concretas, contextualizadas, que interessam de fato aos alunos que se encontram com dificuldades de aprendizado. Trata-se, portanto, de garantir que o(a) aluno(a) tenha um acompanhamento que o(a) valorize como um ser único em seu desenvolvimento. Os deslocamentos individuais são observados e o apoio emocional são fundamentais para o seu bem-estar integral.

Essa atividade propicia uma melhoria no aproveitamento escolar, sejam eles momentâneos ou sistêmicos, pois possibilitamos um momento além do ensino regular para que os(as) alunos(as) possam sanar suas dificuldades e ampliar sua trajetória acadêmica. O objetivo do projeto é estabelecer uma prática metodológica voltada para a construção e desenvolvimento de habilidades e competências gerais e específicas por intermédio do apoio de uma orientadora (que é uma das professoras que leciona em uma das turmas de Fundamental I na escola). Aos poucos os(as) alunos(as) percebem que conseguem vencer os obstáculos que limitam o seu desempenho e isso vai torná-lo(la) mais confiante para seguir os seus objetivos.